

UM GRITO NO AR

Comunicação e Criminalização dos
Movimentos Sociais



Organizadoras

Elen Geraldes
Janara Sousa
Ruth Reis
Vanessa Negrini



Universidade de Brasília



Um grito no ar

Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais

Organizadoras

Elen Cristina Geraldês | Ruth de Cássia dos Reis

Janara Kalline Leal Lopes de Sousa | Vanessa Negrini



Copyright © 2017 by FAC-UnB

Foto Capa Daniel Castellano (Gazeta do Povo)
Agradecimentos Ângela Alves Machado
Diagramação LaPCom
Apoio Lizely Borges



FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – FAC-UNB

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Via L3 Norte, s/n - Asa Norte,
Brasília - DF, CEP: 70910-900, Telefone: (61) 3107-6627
E-mail: fac@unb.br

DIRETOR
Fernando Oliveira Paulino

VICE-DIRETORA
Liziane Guazina

CONSELHO EDITORIAL EXECUTIVO

Dácia Ibiapina, Elen Geraldes, Fernando Oliveira Paulino, Gustavo de Castro e
Silva, Janara Sousa, Liziane Guazina, Luiz Martins da Silva.

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (NACIONAL)

César Bolaño (UFS), Cíclia Peruzzo (UMES), Danilo Rothberg (Unesp), Edgard
Rebouças (UFES), Iluska Coutinho (UFJF), Raquel Paiva (UFRJ), Rogério Christofolletti
(UFSC).

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (INTERNACIONAL)

Delia Crovi (México), Deqiang Ji (China), Gabriel Kaplún (Uruguai), Gustavo
Cimadevilla (Argentina), Herman Wasserman (África do Sul), Kaarle Nordestreng
(Finlândia) e Madalena Oliveira (Portugal).

SECRETARIA EDITORIAL

Vanessa Negrini

Catálogo na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica

S725m

Um grito no ar – Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais /
organizadores, Elen Cristina Geraldes... [et al.] – 1. ed. – Brasília: FAC-UnB, 2017.
344 p.; 21,59x27,94cm.

ISBN 978-85-93078-24-8

1. Comunicação. 2. Movimentos sociais. I. Título.

CDD: 305.4

CDU: 305-055.2

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO PARA A FAC-UNB.
Permitida a reprodução desde que citada a fonte e os autores.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
ALEXANDRE MARCELO BUENO.....	9
MOVIMENTOS SOCIAIS E SEUS SIMULACROS	
ANA JÚLIA RIBEIRO	26
A MÍDIA QUER NOS COLOCAR PARA BAIXO	
ANINHO MUCUMDRAMO IRACHANDE	30
IDENTIDADE, REIVINDICAÇÕES E DIÁLOGO	
BEATRIZ VARGAS RAMOS GONÇALVES DE REZENDE	34
EM DEFESA DA REGULAÇÃO DA MÍDIA	
BRUNELA VINCENZI.....	47
PELAS NARRATIVAS DOS REFUGIADOS	
CARLA CERQUEIRA.....	52
MARCAS DA DITADURA EM PORTUGAL	
CAROLINE KRAUS LUVIZOTTO	59
LUTA ÁRDUA, PENOSA E DURADOURA	
CICILIA M.KROHLING PERUZZO	65
MOVIMENTOS POPULARES ENTRE A OMISSÃO, A SUPERFICIALIDADE OU A CRIMINALIZAÇÃO DA MÍDIA	
CLAUDIA SANTIAGO GIANNOTTI	71
SÍNDROME DO PENSAMENTO ÚNICO	
DÁRIO BOSSI.....	76
DIREITOS AMBIENTAIS SÃO DIREITOS HUMANOS	
DEOLINDA CARRIZO	90
A IMPORTÂNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS	
EDNA CALABREZ MARTINS.....	94
ENFRENTAMENTO DA INVISIBILIDADE DAS MULHERES	
ERIKA CAMPELO.....	108
DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS SOBRE AS MINORIAS	
FRANCESCA GARGALLO.....	119
FEMINISMO COMO AÇÃO POLÍTICA	
FREI SERGIO ANTONIO GÖRGEN	134

TEMOS UMA CAUSA E NELA ESTÁ A NOSSA FORÇA	
GIOVANNI FELIPE ERNST FRIZZO	142
VALORIZAÇÃO DA IMPRENSA CONTRA-HEGEMÔNICA	
JOSÉ CARLOS DO NASCIMENTO GALIZA	150
CONVENCER A SOCIEDADE DE QUE NOSSAS PAUTAS SÃO VÁLIDAS	
JOSÉ VALDIR MISNEROVICZ	157
VALE A PENA LUTAR E SE ORGANIZAR	
KEILA SIMPSON	166
CIDADANIA DAS PESSOAS TRANS	
LAM MATOS	173
PRESSA DE VIVER DE FORMA DIGNA	
LYDIA ALPIZAR	179
DEFENDER AS DEFENSORAS DOS DIREITOS HUMANOS	
MÁRCIO ZONTA	193
EMANCIPAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA	
MARCOS WILLIAN CAMPOS DE OLIVEIRA	197
QUEBRANDO A BLINDAGEM DA MÍDIA TRADICIONAL	
MARIA EDUARDA DA ROCHA MOTA	206
TRABALHO DE BASE E SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA	
MARIA LUCIA LOPES DA SILVA	217
RESISTÊNCIA AO PROJETO NEOLIBERAL	
MARINA POGGI	232
LA SOCIEDAD EN RED ACTUALIZA LOS MOVIMIENTOS SOCIALES E SUS LUCHAS	
MIGUEL STEDILE SOLANGE ENGELMANN IRIS PACHECO	242
COMUNICAÇÃO E ORGANICIDADE DO MST	
MÔNICA CUNHA	259
NÃO SE PODE MATAR NOSSOS FILHOS E NOS MANTER CALADAS	
OMAR CERRILLO GARNICA	265
ATIVISMO DIGITAL NO MÉXICO	
PRISCILA GAMA	272
AÇÕES AFIRMATIVAS CONTRA O RACISMO	
RAFAEL FORTES	277

AI DE QUEM QUEBRAR A VIDRAÇA DE UM BANCO	
RENATO JANINE RIBEIRO	288
A POLÍTICA PRECISA DE DIÁLOGO	
ROMERO JÚNIOR VENÂNCIO SILVA	298
A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ PRÓPRIA DOS TRABALHADORES	
ROUSILEY CELI MOREIRA MAIA	305
DESAFIOS DOS ATIVISTAS EM AMBIENTES SOCIAIS INTERCONECTADOS	
TÂNIA CRISTINA CRUZ	311
HOJE É MAIS DIFÍCIL DILUIR OU VIOLENTAR DIREITOS POPULARES	
TÂNIA MARIA SILVEIRA	316
QUALQUER GRITO NO AR É UM INCENTIVO	
THIAGO APARECIDO TRINDADE	325
MOMENTO DE REARTICULAÇÃO E REAGRUPAMENTO DA ESQUERDA	
VAGNER FREITAS	337
SER VISÍVEL É QUESTÃO CENTRAL	
A CAPA	342
AS ORGANIZADORAS	343

“E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasce da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos”,

PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)

“Na imprensa brasileira, os movimentos sociais não são ouvidos. Por outro lado, os representantes do capital falam o que querem o tempo todo e assim transmitem sua visão de mundo. Há muita omissão de fatos relativos aos movimentos sociais e sindical”

CLAUDIA SANTIAGO GIANNOTTI

Síndrome do pensamento único

Carlos Henrique Demarchi¹

Claudia Santiago Giannotti é jornalista e historiadora. Carioca, nascida em 1962, é destacada jornalista sindical – foi assessora de comunicação da CUT-RJ por 20 anos. Entre 1983 e 1984, foi assessora de comunicação para assuntos comunitários nas Prefeituras de Petrópolis (RJ) e Vila Velha (ES). Nos anos 90, ao lado de Vito Giannotti, fundou o Núcleo Piratininga de Comunicação (NPC), organização cujo objetivo é incentivar e melhorar a comunicação de movimentos sociais e sindicatos. Coordenadora do NPC atualmente, Claudia produziu jornais e escreveu livros, como “Experiências em comunicação popular no Rio de Janeiro ontem e hoje”. É consultora da Livraria Antonio Gramsci. O trabalho desenvolvido por Claudia Giannotti à frente do NPC a coloca em contato permanente com uma ampla rede de movimentos sociais de todo o país. Por meio de boletins, redes sociais e do curso anual do NPC, as lutas e a criminalização dos movimentos sociais são temas frequentes de crítica e debate. Em síntese, a entrevistada atua para capacitar a comunicação comunitária na disputa pela hegemonia, contribuindo para o combate à exclusão de setores populares da sociedade.

¹ Doutorando e mestre em Comunicação na Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru. Estuda a democratização da comunicação no Brasil, atuando na linha de pesquisa “Gestão e políticas da informação e da comunicação”. E-mail: carlosdemarchi@faac.unesp.br

Como os Movimentos Sociais são noticiados pela imprensa do seu país? Há diferenças entre os veículos? Cite exemplos.

A imprensa no Brasil tem um grande problema: o pensamento único. Com raras exceções, como acontece agora na atual crise política, quando as organizações Globo, dona do Jornal O Globo, se posicionam pela saída do presidente Michel Temer, e os jornais *Folha de São Paulo* e *Estado de São Paulo* tentam segurá-lo no cargo, na grande maioria das vezes, a cobertura é idêntica.

Especificamente no caso dos movimentos sociais, a cobertura é sempre desfavorável a estes. Os jornais defendem a propriedade como valor absoluto. Assim, uma ocupação de terras ou de prédios vazios na área urbana é tratada como casos de polícia. A vida das pessoas que faz as ocupações não merece linhas nas páginas dos jornais. O mesmo se dá com os moradores da periferia. Se um traficante de classe média ou alta é preso, este é tratado como jovem ou até como empresário de armas. Se for pobre, é bandido e seu rosto é exibido sem nenhum pudor. Se moradores protestam por atos violentos da polícia, são associados ao tráfico de drogas.

No ano de 2007, um jornalista que não pode ser identificado por ser morador da favela do Jacarezinho relatou em carta enviada à Rede Nacional de Jornalistas Populares (Renajorp), que, no dia 6 de novembro daquele ano, devido a uma operação da PM no bairro onde vive, “os moradores passaram todo aquele dia sob terror”. Diz trecho da carta: “Não se podia sair de casa. O veículo intitulado “Caveirão”, que é assustador, não deixava que ninguém passasse aos acessos de saída. Sabemos que são importantes as inserções para prender/reprender os traficantes, mas se faz necessária a humilhação aos moradores? Isso é justo? É legal? Isso é correto? Será que aumentar o contingente de policiais é mesmo sinônimo de segurança? A sociedade tem outra conotação sobre estas investidas, pois na favela para eles só existem marginais, traficantes e viciados. Do que adianta levar uma vida corrida entre trabalho e estudo se no fim somos tratados como “bugres”, como no início da colonização do Brasil? Ainda temos uma polícia que carrega marcas da ditadura militar, que tortura física e psicologicamente as pessoas. Por que no “asfalto” eles devem apresentar um mandato judicial para adentrar as casas e nas favelas chutam as portas e humilham as pessoas?”

Não é impossível encontrar algo do gênero deste desabafo nas páginas dos jornais, mas é raro. Na imprensa brasileira, os movimentos sociais não são ouvidos. Por outro lado, os representantes do capital falam o que querem o tempo todo e assim transmitem sua visão de mundo. Há muita omissão de fatos relativos aos movimentos sociais e sindical.

Um congresso nacional de uma central sindical como a CUT, que há cerca de 10, 15 anos teria cobertura da imprensa, pelo menos da imprensa paulista, hoje não tem mais. Mesmo jornais de outros estados enviavam repórteres para esses momentos. Um exemplo de omissão trata-se de do Fórum Social Mundial. O evento que chegou a reunir mais de 100 mil pessoas do mundo todo

em suas últimas edições no Brasil foi omitido por parte da imprensa e quem a cobriu o fez parcialmente. De maneira nenhuma se retratou o evento.

De alguma forma a imprensa do seu país contribui para a construção de uma imagem estereotipada dos Movimentos Sociais? Cite exemplos.

A cobertura do MST e do MTST quando existe é negativa. Cria-se o estereótipo de vagabundos, usurpadores, violentos e gente que não quer trabalhar.

O movimento sindical só aparece em grandes greves como agentes que perturbar a ordem, o trânsito e a produção. Nunca são feitas matérias que revelem o que é o movimento sindical brasileiro. Cria-se o estereótipo de que quem mora em favela é bandido.

Consegue identificar as vinculações políticas e ideológicas dos principais veículos de comunicação do seu país? Cite exemplos. Quais as consequências dessas vinculações para as reivindicações dos Movimentos Sociais?

Menos de dez famílias recebem do Estado outorgas de rádio e TV e transmitem conteúdo jornalístico e cultural a partir do olhar dos dominantes, sem espaço para as múltiplas vozes existentes na sociedade. Chegam a mais de 90% das casas todos os dias. As vinculações ideológicas incluem a ideologia liberal, de direita, religiosa. As vinculações econômicas são com o capital nacional e estrangeiro, rentista e industrial, o latifúndio. Vinculações políticas acompanham os espectros econômicos e ideológicos. No caso das rádios, as vinculações políticas são muito grandes com políticos conservadores. O mesmo se dá com as repetidoras de TV dos canais nacionais.

Há diferença da cobertura dos Movimentos Sociais pela imprensa do seu país e internacional? Cite exemplos de fatos, protestos e manifestações em que a cobertura nacional foi diferente da internacional, no sentido de criminalizar os Movimentos Sociais.

A imprensa internacional, pelo que eu saiba, não cobre o movimento social brasileiro. Uma matéria ou outra sobre o MST, na década de 1990, sobre a CUT na década de 1980, e uma ou outra no auge das privatizações no país. Recentemente, somos notícias em função dos escândalos palacianos. Nesse caso, a cobertura estrangeira foi diferente. Houve as escutas dos lados envolvidos no processo, o que a imprensa nacional não fez.

Qual a importância da imprensa para os Movimentos Sociais e quais as estratégias de comunicação possíveis de serem adotadas para dialogar diretamente com a sociedade? Cite exemplos.

Embora haja, no movimento social, vozes que defendem que a imprensa está ultrapassada e que se deve investir nos meios digitais, eu defendo o contrário. Acredito que os jornais, panfletos e revistas são os melhores meios para se chegar perto das pessoas e conversar com elas. Quando digo isso, revelo que entendo que a atuação política dos movimentos sociais deva se dar junto às pessoas diretamente, no contato corporal, olhos nos olhos, em reuniões nas favelas, bairros, locais de trabalho, sindicatos.

Agora, essa é uma forma de se comunicar. A comunicação dos movimentos sociais tem amplas possibilidades e as estratégias mudam de movimento para movimento. A base social determina as formas de comunicação que serão definidas. A estratégia dos movimentos sociais para falar com a sociedade depende de quem se quer atingir. Não se deve render a apenas um meio. A estratégia passa pela construção de veículos dos próprios movimentos contando para a sociedade quem são, de onde veem, o que querem. Além disso, precisam trabalhar em rede de forma que notícias de um determinado movimento circulem pelos outros movimentos.

Você coordena o NPC (Núcleo Piratininga de Comunicação), organização sediada no Rio de Janeiro que tem como um dos objetivos melhorar a comunicação dos Movimentos Sociais em todo o país. Como a questão da criminalização dos Movimentos Sociais tem sido debatida pelo NPC?

A criminalização dos movimentos sociais e defensores de direitos humanos é pauta constante nos cursos do NPC. Questionamos a relação do Poder Judiciário com os movimentos sociais, a violência contra lideranças. Propomos aos sindicatos que incluam na pauta dos seus materiais de comunicação a denúncia dos métodos do agronegócio para combater movimentos sociais rurais: prisões, assassinatos, agressões e casos de tortura de trabalhadores rurais. As prisões atingem os povos tradicionais, trabalhadores rurais sem-terra, quilombolas, indígenas, atingidos por barragens, pescadores, trabalhadores rurais. Propomos aos movimentos sociais o debate e esclarecimento de sua base social sobre mecanismos usados seletiva e simultaneamente contra os movimentos sociais e o papel dos meios de comunicação na formação de uma ideologia contrária à existência dos movimentos sociais. Fazem isso construindo diariamente a imagem de atores dos movimentos como bandidos, aproveitadores, ladrões e até assassinos.

Quais são os desafios dos Movimentos Sociais em nosso país hoje e como o NPC tem trabalhado para melhorar a comunicação dessas organizações?

O desafio imediato na atual conjuntura política é continuar vivo. Não sucumbir pela criminalização que tem jogado militantes nas cadeias e, provavelmente, vai tentar criminalizar os movimentos através de CPIs, inquéritos e afins. E o desafio histórico é trabalhar para a construção de uma sociedade justa e solidária. Para isso, é preciso cumprir os passos básicos: trabalho de base, formação, análise, ação e comunicação. O NPC tem três pernas: uma é a formação do movimento sindical, outra é a formação popular, e a terceira a produção de materiais próprios de formação como livros, agendas, cartilhas e cadernos temáticos.

Nos cursos de formação, nós trabalhamos a história dos trabalhadores e das lutas sociais, ideologia, questão de gênero, teoria da comunicação, comunicação alternativa, comunicação popular, comunicação sindical, redação, oratória, vídeo e mídia digital. Damos cursos para o movimento sindical em todo o país, desde 1994. Umhas 10 mil pessoas já fizeram nossos cursos. Só em maio de 2017 estivemos em Aracaju (SE), Feira de Santana (BA), Florianópolis (SC) e Curitiba (PR). No total, participaram dos cursos umhas 200 pessoas.

Para o movimento popular, o curso acontece no Rio de Janeiro todo ano, de março a setembro.

Na sua avaliação, de que maneira a imprensa brasileira pode contribuir para a divulgação das ações e atividades dos Movimentos Sociais sem criminalizá-los.

Fazendo matérias que cumpram os requisitos básicos do jornalismo: apurar, ouvir os movimentos sociais, contextualizar, relatar e deixar claro quando é informação e quando é opinião do veículo. A imprensa brasileira se diz neutra. Ela não é. Ela é aliada e parte do capital. Defende seus interesses de classe dominante e não os interesses da sociedade, como tenta fazer crer. A imprensa brasileira emite opinião dizendo que é notícia. Seria ótimo ter jornalistas que entendam o assunto. Outro dia descobri que uma jornalista de um grande jornal de São Paulo, com 35 anos de profissão, não sabia o que era a Rota ou Bope. Em que mundo ela vive?

Considerações finais

Boa parte dos jornalistas que atuam na imprensa brasileira foram ganhos pela ideologia que eles divulgam. O NPC é um caso típico de omissão da mídia. É uma entidade que existe há mais de 20 anos. Neste período, publicou vários livros, promoveu inúmeros cursos, abriu uma livraria marxista e só saiu na imprensa uma vez. Já trouxemos ao Brasil intelectuais do porte de Tariq Ali, Ignácio Ramonet, James Petras, Francisco Louça, Pascoal Serrano. Nem uma linha sai na imprensa. O que isso significa? Que os movimentos sociais, o movimento sindical e os pobres só saem nos jornais nas páginas policiais.

E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos,

PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)



Universidade de Brasília

